

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ – ICESPI

WALFRAN RIOS DA COSTA

CONSIDERAÇÕES SOBRE A AMIZADE:
uma abordagem a partir de Aristóteles

Teresina
2014

WALFRAN RIOS DA COSTA

FOLHA DE APROVAÇÃO

CONSIDERAÇÕES SOBRE A AMIZADE:
uma abordagem a partir de Aristóteles

COSTA, Walfran Rios da. *CONSIDERAÇÕES SOBRE A AMIZADE: uma abordagem a partir de Aristóteles*. Teresina: ICESPI, 2014. 100 p. (IC-SPPI - Biblioteca)

Assinado em _____ de 2014

Assinado em _____ de 2014

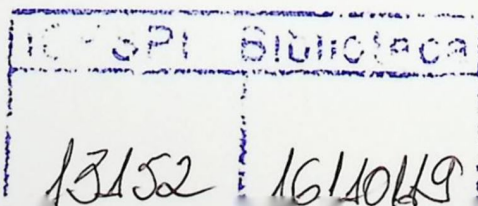
Trabalho de conclusão de curso
apresentado como exigência para a
conclusão do Curso de Filosofia do
ICESPI, sob orientação do Prof. Dr. Pe.
Wellistony Carvalho Viana.

p. 49

Assinado em _____ de 2014

cop. 5867
100
C837e
Ex. 01

TERESINA
2014



FOLHA DE APROVAÇÃO

COSTA, Walfran Rios da. **Considerações sobre a amizade: uma abordagem a partir de Aristóteles.** Trabalho de Conclusão de Curso - TCC- licenciatura em Filosofia. ICESPI, 2014. 51f.

Aprovado em _____, _____ de 2014.

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Agradeço a meus pais que tanto têm me apoiado na minha dedicação aos estudos.

Igualmente, agradeço a Dom Sérgio da Rocha e ao Pe. Wellistony pela confiança e, aos meus colegas de estudo que me motivaram a terminar o presente trabalho.

“Tiram o sol do mundo aqueles que
tiram a amizade da vida”.

CÍCERO, p. 19, 2007.

RESUMO

COSTA, Walfran Rios da. **Considerações sobre a amizade:** uma abordagem a partir de Aristóteles. Trabalho de Conclusão de Curso - TCC- licenciatura em Filosofia. ICESPI, 2014. 51f.

Este trabalho é destinado a estudantes e pesquisadores que queiram aprofundar seus conhecimentos sobre o tema da amizade e ampliarem sua visão acerca desta realidade tão presente na vida das pessoas. Neste trabalho encontram-se várias reflexões sobre situações cotidianas que se vive numa amizade. Além disso, também alguns problemas teóricos são abordados e tratados com perspicácia para uma solução adequada como problema da utilização da palavra amigo. De modo particular trata do novo fenômeno atual que é a amizade digital ou virtual tentando compreender sua prática indicando seus proveitos e benefícios, mas mostrando os perigos e limites. Por fim, trata da relação entre amizade e espiritualidade e como a amizade pode inclusive influenciar a vida espiritual de uma pessoa seja para o bem seja para o mal.

Palavras chave: Amizade. Amizade digital. Amigo. Inimigo.

RESUMEN

COSTA, Walfran Rios da. **Consideraciones sobre la amistad: una aproximación desde Aristóteles**. Conclusión de los Trabajos del Curso - TCC-grado en Filosofía. ICESPI. 2014. 51f.

Este trabajo está dirigido a estudiantes e investigadores que quieran profundizar sus conocimientos sobre el tema de la amistad y el deseo de ampliar su visión de esta realidad tan presente en la vida de las personas. En este trabajo, nos encontramos con varias reflexiones sobre situaciones cotidianas que la gente vive en la amistad. Además, algunos problemas teóricos que se abordan y tratan con una visión de una solución adecuada ya que el problema del uso de la palabra amigo. En particular, se refiere al fenómeno actual que es nuevo a la amistad digital o virtual, tratando de entender su práctica, mostrando sus ingresos y beneficios, pero que muestra los peligros y límites. Por último, sobre la relación entre la espiritualidad y la amistad y cómo la amistad puede incluso influir en la vida espiritual de una persona ya sea para bien o para mal.

Palabras clave: amistad. Amigos digitales. Amigo y los Enemigos.

3.1. É artificial

39

3.2. Promove o encontro igual

39

3.3. Não é tão condicional

39

3.4. Perigo de amizade desigual

40

3.5. Novas formas de seleção

40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

9

CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A AMIZADE

11

1.1 Um problema de linguagem

11

1.2. A amizade é virtude?

13

1.3 Vícios opostos à amizade: adulação e o litígio

15

1.4. Amizade: dom divino? Acaso? Adquirida?

17

1.5. Inimigo: é questão subjetiva ou objetiva?

18

1.6. Concepção negativa da amizade

20

1.7. O mais importante é: ter amigos ou ser amigo?

21

CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE A AMIZADE

25

2.1. Amizade condicionada e amizade escolhida

25

2.2. Amizade é diferente de educação

26

2.3. O falso amigo é pior do que o inimigo

28

2.4. A amizade é estar junto ou relacionar-se?

30

2.5. A amizade deve ter limites

31

2.6. Benefícios da amizade

33

CAPÍTULO III - AMIZADE DIGITAL	36
3.1. É artificial	37
3.2. Proveitos da amizade digital	37
3.3. Não é tão confiável	38
3.4. Perigo da amizade digital	40
3.5. Novas formas de relacionamento	40
CAPÍTULO IV - RELAÇÃO ENTRE AMIZADE E ESPIRITUALIDADE	41
4.1. A amizade cristã é diferente das outras	41
4.2. O cristianismo eliminou a philia grega?	43
4.3. Os amigos são impedimento à perfeição?	45
4.4. Más companhias prejudicam o crescimento espiritual	46
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

INTRODUÇÃO

Em primeiro lugar, queremos analisar o tema da amizade tendo como base de reflexão os ensinamentos de um dos maiores escritores da antiguidade: Aristóteles. Nossa argumentação se focará no capítulo VIII e IX do livro de Aristóteles chamado *Ética a Nicômaco*. Contudo, enriquecemos nossa reflexão com pensadores contemporâneos tais como Valerio Albisetti, Anselm Grün e José Fernandes de Oliveira (Pe. Zezinho). Assim, a partir de Aristóteles queremos fazer uma reflexão abrangente, ou seja, abordaremos várias temáticas em torno da Amizade.

Toda a nossa argumentação se dividirá em quatro capítulos, a saber: o primeiro tratando das considerações gerais da amizade, o segundo das considerações específicas da amizade, o terceiro da amizade virtual e o quarto da relação entre amizade e espiritualidade.

O primeiro capítulo tem como temática o problema da linguagem na amizade, a visão da amizade como virtude e seus respectivos vícios, se a amizade é dom divino, ou é acaso da vida ou é adquirida pelos indivíduos, trataremos da problemática do que é melhor: ter amigo ou ser amigo, analisaremos se o inimigo é questão só objetiva ou poderá em algumas situações ou em todas ser questão também subjetiva e por fim da visão negativa da amizade.

O segundo capítulo aborda a questão da amizade condicionada e amizade escolhida, a diferença entre amizade e educação, o falso amigo é o pior inimigo, a problemática de que a amizade é estar junto ou relacionar-se, que a amizade deve ou não ter limites e os proveitos de se ter uma amizade verdadeira.

O terceiro capítulo trata da amizade virtual. Por amizade virtual ou digital entendemos todo relacionamento que a pessoa tem com seu amigo por meio das novas tecnologias, especialmente via internet. Abordaremos seu contexto atual, se

é artificial ou não, seus benefícios na vida de quem se relaciona no mundo virtual, os perigos que se tem nesta vivência digital, a questão se a amizade digital é ou não confiável e este tipo de relacionamento criou uma nova forma de se relacionar tão diversa de antigamente.

Por fim, iremos argumentar acerca da relação entre amizade e espiritualidade. Iniciaremos justificando o porquê da escolha desta temática, vamos analisar como a amizade cristã é diferente das outras amizades, tentaremos resolver a difícil crítica que se faz ao cristianismo de que ele eliminou a *philia* grega, se os amigos são impedimento a perfeição e como as más companhias são prejudiciais nos relacionamentos e inclusive na amizade.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A AMIZADE

Da longa, queríamos tornar evidente o nosso propósito de refletir sobre noções gerais sobre a amizade. É uma visão mais ampla e que vai se dar mais no âmbito do que se pratica, isto é, se trata mais de um estudo da amizade que dos seus efeitos. Entretanto, algumas vezes queremos situar as questões para a reflexão, não nos afastando da realidade. Por isso, trata-se de delimitarmos as seguintes questões referente a amizade:

1.1 Um problema de linguagem

Por causa da variedade de significação da linguagem no decorrer dos séculos, tem sido enunciado o problema da linguagem em todos os tempos. Uma das maiores preocupações dos filósofos do séc. XIX e séc. XX foi a linguagem. Não se se filósofos nunca estiveram, mas desde a antiguidade houve preocupações com relação sobre ela. Platão se preocupa com o conteúdo da linguagem. Para Wittgenstein, os problemas surgem com causa do mau uso da linguagem. Assim, trata-se de elucidar – clarificar ou não – parte daquilo que as contribuições que o filósofo oferece acerca. Dentre estas contribuições, cabe destacar que os problemas surgem por consequência do que acontece no mundo, portanto, para não haver confusões, devemos

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A AMIZADE

De início, queremos tornar evidente o nosso propósito de refletir sobre noções gerais sobre a amizade. É uma visão mais ampla e que vai se fixar mais na teoria do que na prática, isto é, se focará mais em temáticas do que em questões práticas. Entretanto, algumas vezes citaremos situações do cotidiano para a reflexão não ficar tão distante da realidade. Por hora, basta nos delimitarmos aos argumentos temáticos referente à amizade.

1.1. Um problema de linguagem

Por causa da valorização da filosofia da linguagem nestes últimos anos, tem crescido enormemente o estudo acerca da linguagem em todos os âmbitos. Uma das maiores preocupações dos filósofos do séc. XIX e sec.XX foi a linguagem. Não só os filósofos destes séculos, mas desde a antiguidade houve pensadores que refletiram sobre ela. Platão se preocupou com a essência da linguagem. Para Wittgenstein, os problemas surgem por causa do mau uso da linguagem. Assim, nenhum estudo – científico ou não- pode dispensar as contribuições que a filosofia analítica oferece. Dentre estas contribuições, cabe destacar que as palavras devem ser empregadas no seu sentido essencial, específico para não haver ambigüidades nem equívocos.

Assim, qualquer reflexão atual tem que levar em conta o sentido da linguagem para não só criar problemas de interpretação como também não ser ambíguo de vez em quando. Por isso, urge uma clareza nos sentidos de cada palavra.

Partido disso queremos tentar solucionar um problema causado pela má utilização de uma das palavras mais usadas no nosso cotidiano, a saber: a palavra “amigo”. Hoje em dia é comum utilizarmos esta palavra para qualquer pessoa que conhecemos e até para quem não conhecemos. Contudo, nossa reflexão partirá de um questionamento: será que esta terminologia deve ser empregada para qualquer um?

O Papa Bento XVI em sua carta encíclica “**Deus caritas est**” questiona e critica o uso excessivo da palavra “amor”. Pois, segundo ele, o verdadeiro significado desta palavra acaba perdendo o seu sentido essencial. Assim diz Bento XVI:

O termo amor tornou-se, hoje, umas das palavras mais usadas e mesmo abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes (...) fala-se de amor à pátria, amor à profissão, amor entre amigos, amor ao trabalho, amor entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao próximo e amor a Deus, o amor entre o homem e a mulher... Surge, então, a questão: todas essas formas de amor, no fim das contas, unificam-se, sendo o amor, apesar de toda a diversidade das suas manifestações, em última instância, um só, ou, ao contrário, utilizamos uma mesma palavra para indicar realidades totalmente diferentes? ¹

Da mesma forma, questionamos o uso excessivo da palavra “amigo” para qualquer pessoa e o que é pior até para animais, como por exemplo, no famoso ditado popular: “O cachorro é o melhor amigo do homem”. O amigo de verdade é aquele com quem eu me relaciono, abro o coração, partilho minhas vitórias e derrotas, dou o meu amor, para quem faço o bem como a mim mesmo.

Assim, não achamos conveniente chamar de amigos pessoas que nem conhecemos. Valerio Albisetti afirma com grande convicção:

Na verdade, nunca chamarei de amiga uma pessoa que não conheço e que não amo profundamente. Nem jamais chamarei. Muito menos confundi o conhecido, o simpático, o atraente, o estimado, o companheiro, o irmão, com o amigo. Nem jamais confundirei” ²

¹ BENTO XVI. *Deus caritas est*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 7-8.

² ALBISETTI, Valerio. *Ser amigos ou ter amigos: uma forma de conhecer a si mesmo e aos outros*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2002. p.7.

Não só autores contemporâneos pensam desta maneira como também eminentes pensadores da antiguidade como Aristóteles: “Como chamar as pessoas de amigas se elas ignoram os seus mútuos sentimentos?”³. Este costume é muito comum entre as pessoas, especialmente entre os radialistas ao apresentarem seus programas de rádio, ou certos palestrantes ao pronunciarem seus discursos para pessoas que nem conhecem, e assim por diante.

Existem ainda expressões parecidas com a palavra amigo como colega, companheiro, conhecido. A esse respeito, notamos duas situações: uma referente à língua portuguesa e outra referente ao grau de intimidade. A nossa língua portuguesa às vezes tem palavras com vários sinônimos; esse é o caso da expressão “amigo”. É comum no nosso idioma. Em relação ao grau de intimidade observamos que se pode utilizar qualquer uma destas ou de outras palavras sinônimas referente a amigo. Podemos citar como exemplo, uma pessoa que trabalha ou estuda conosco de quem gosto, mas não tenho profunda intimidade, pois não partilho minhas aspirações. Neste caso, pode-se chamá-la de companheiro, colega, não amigo.

Por conseguinte, concluímos que só devemos chamar de amigos aquelas pessoas que são de fato no seu sentido essencial e verdadeiro. Além disso, nunca chamar de amigo pessoas que não conhecemos. Por fim, outras pessoas podemos chamá-las como quisermos seja de colega ou companheiro ou ainda conhecido.

1.2. A amizade é virtude?

Em primeiro lugar, cabe-nos definir o conceito de virtude, para depois tentamos responder se a amizade é uma virtude ou não.

Apesar de Aristóteles, o Estagirita, ter tratado longamente do tema da virtude e de tê-lo explicado em seus mais variados aspectos, não concordamos plenamente com o conceito que ele dá de virtude⁴. Achamos melhor a definição dada pela Igreja Católica, a saber:

³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 174.

⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p.49.

A virtude é uma disposição habitual e firme de fazer o bem. Permite à pessoa não só praticar atos bons, mas dar o melhor de si. Com todas as suas forças sensíveis e espirituais, a pessoa virtuosa tende ao bem, procura-o e escolhe-o na prática⁵.

Este conceito está de acordo com Aristóteles no que diz respeito em classificar a virtude como “disposição” e não como paixão nem com faculdade. Além do mais, para Aristóteles a virtude está relacionada com “hábito”⁶. Podemos perceber como a amizade é entendida como virtude de uma maneira tão simples pelo filósofo romano Sêneca⁷ (apud. J. Maurus, 1988, p. 153):

De todas as virtudes, a mais encantadora é uma amizade sólida e delicada. Ela suaviza nossas preocupações, ameniza nossas tristezas e nos aconselha em todas as dificuldades. Mesmo que não haja nela outro conforto além do exercício puro de tão generosa virtude, ainda assim esta única razão seria suficiente para o homem não viver sem ela; a amizade é o antídoto soberano contra todas as adversidades – até mesmo contra o próprio medo da morte.

Ora, já que a amizade também é uma disposição e um hábito adquirido, declaramos que Ela é uma virtude. Segundo o Estagirita, “a amizade é uma virtude ou implica virtude”⁸.

Todo o discurso sobre a amizade no mundo antigo se desenvolve dentro da visão categorial de virtude⁹. Mas quando falamos do mundo antigo, não nos referimos somente aos filósofos e sábios gregos, mas também os romanos, como por exemplo, Cícero¹⁰ (apud Tullo Goffi, 1989, p.15). Este pensador assim comenta o relacionamento da amizade e virtude:

A própria virtude produz a amizade... A amizade foi concedida como auxiliar da virtude, para que a virtude, que não pode chegar sozinha ao seu grau mais elevado, o consiga unida e associada à outra. Uma aliança como esta propicia aos homens o meio melhor e mais feliz para caminharem juntos em busca do bem supremo. É a virtude, afirmo, que forma as amizades e as

⁵ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Loyola, 2000. n. 1803, p. 485.

⁶ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p. 40.

⁸ MAURUS J. *Como fazer amigos*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 153.

⁹ ARISTÓTELES. Op. cit., p. 172

⁹ GOFFI, Tullo. Amizade. In: DE FIORES, Stefano (org.). *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989. . p. 10-18.

¹⁰ Id., *ibid.* p. 15.

conserva, já que nela se encontram a harmonia, a estabilidade, a constância.

Além disso, a amizade é um bom hábito de se fazer um bem; na amizade a pessoa pratica atos bons para seu amigo e dá o melhor de si. Na amizade verdadeira, a pessoa tende sempre para o bem e para as virtudes, pois só desejamos e fazemos o bem ao nosso amigo. Portanto, ela por si mesma é uma virtude.

1.3. Vícios opostos à amizade: adulação e o litígio

A amizade, mesmo sendo em si mesma boa, tem vícios contrários a si, coisa muito comum entre as virtudes porque cada virtude possui um vício contrário. Ora, a amizade é uma virtude como já foi demonstrado acima. Logo, ela tem um vício contrário a si mesmo.

Os vícios contrários à amizade são: adulação e litígio. A adulação consiste em elogiar a outrem exageradamente com a intenção de agradar. Tomás de Aquino define a adulação da seguinte maneira: “A palavra adulação costuma ser aplicada só àqueles que, excedendo o modo devido da virtude, querem agradar aos outros, na convivência ordinária, com palavras e obras”¹¹. Mas em que isto representa um mal? Pelo simples fato de a adulação ser um pecado, religiosamente falando ou uma atitude excessiva bastante prejudicial nos relacionamentos. Dentre tantas finalidades da amizade destacamos uma: causar prazer aqueles com quem convivemos¹². Esta é uma lei da amizade. Devemos sim causar prazer ao nosso amigo e ser para ele uma presença agradável. Mas existem situações em que precisamos dizer coisas ao nosso amigo que podem entristecê-lo. Quem é adulator não tomará a atitude de falar a verdade a seu amigo se isto for deixá-lo triste. Este é um dos problemas da adulação.

A adulação, por consistir no excesso de louvor, não é uma atitude proveitosa e nem benéfica pra bons relacionamentos. Ações excessivas devem ser evitadas,

¹¹ AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Tradução: Alexandre Corrêa. 2ª ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: 1980, p. 2901. Vol. VI, q. CXV, art. I.

¹² Id., Ibid. p. 2901-2902.

pois são vícios, defeitos¹³. Não querer dizer a verdade ao nosso amigo é deixá-lo no engano e isso é um grande mal. É uma omissão ocultar a verdade para qualquer pessoa, especialmente para aquele a quem mais queremos bem. Não é o fato de falar bem do outro que é errado. Podemos falar bem do próximo para o bem dele. Santo Tomás comenta:

Se quisermos agradar a outrem louvando-o, para consolá-lo, a fim de que não sucumba à tribulação, ou ainda para que se esforce em progredir no bem, observadas todas as demais circunstâncias devidas, constituirá a referida virtude da amizade. Mas será adulação se louvarmos a outrem naquilo que ele não merece ser louvado, ou por se tratar de coisas talvez más (...). Ou ainda se houver lugar de temer que o louvado não seja pelo nosso louvor provocado à vanglória (...). É louvável querer agradar aos outros para manter a caridade, a fim de podermos progredir nela espiritualmente. Mas seria pecado querer agradar aos homens por vanglória, para auferir algum lucro.¹⁴

Ademais, é oportuno fazer uma observação acerca da bajulação. Não suspeitemos de alguém quando elogiar a outrem. Plutarco¹⁵ (apud Coleção Pensamentos e Textos de Sabedoria, 2005, p. 114) já recomendava isso veementemente:

Não vamos suspeitar que alguém seja um bajulador por o ouvirmos elogiar um amigo. Convém igualmente à amizade elogiar e censurar. Ainda mais: um humor aflito e sempre recriminador destruiria a amizade e o comércio da vida. Ao contrário, um amigo que elogia com facilidade ou mesmo com diligência o bem do qual é testemunha, pode censurar o mal com a mesma liberdade. Seguros de sua benevolência, recebemos pacientemente suas reprimendas; e sua facilidade em elogiar é uma prova de que ele só censura por necessidade.

A seguir, trataremos de mais um vício contra a amizade: litígio. Este consiste em “contradizer os outros com intenção de contristar”¹⁶. É uma ofensa através da palavra voluntária. Esta atitude é causa de discórdia e desentendimento; aliás, perda de amizade. Como afirmamos acima, é uma lei da amizade conviver agradavelmente com os outros e o litígio se opõe a isso porque visa entristecer o amigo por meio de

¹³ ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. p. 48.

¹⁴ AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. p. 2901.

¹⁵ PLUTARCO. Como distinguir o bajulador do amigo. In: Coleção Pensamentos e Textos de Sabedoria. *A essência da amizade: a essência da sabedoria dos grandes gênios de todos os tempos*. São Paulo: Martin Claret, 2005. p. 111-114.

¹⁶ AQUINO, Tomás de. Op. cit. p. 2904.

palavras. É um mistério da pessoa humana esta capacidade de ofender o outro por pura malícia. Embora o fato de recusar concordar com o outro ser uma característica própria do litígio nem sempre discordar do amigo é ruim. Então o leitor poderá formular a seguinte pergunta: qual dos dois vícios é mais grave, adulação ou litígio? Tomás de Aquino pensa que é o litígio, pois causar tristeza aos outros machuca mais do que um simples excesso de louvor de certa qualidade nossa¹⁷.

Por fim, tentamos brevemente tratar desta temática que infelizmente não é tão divulgada ou não conhecida, a saber: vícios contrários a amizade. Não queremos aqui reduzir à problemática somente a estes dois vícios, entretanto, são os mais comuns nos relacionamentos entre amigos.

1.4. Amizade: dom divino? Acaso? Adquirida?

Há várias opiniões no que concerne a estas perguntas. Existe uma opinião de que a amizade é um dom de Deus, há outra de que ela acontece por acaso e há ainda outrem que sustenta que ela é adquirida.

Primeiramente, devemos notar que a solução desse nosso problema depende do ponto referencial. Quem acredita em Deus, independentemente da opção religiosa que tenha, se tiver bons amigos vai pensar que o fato de tê-los é um dom de Deus. Isso é lógico. Todas as coisas boas segundo a Sagrada Escritura é dom de Deus. Ora, ter bons amigos é uma coisa boa. Portanto, eles só podem ser dádiva do alto. Observemos este pensamento numa revista católica:

Um amigo é uma escolha de Deus para nós. Uma amizade não se dá por escolhas humanas, não somos nós quem escolhemos esse ou aquele para ser nosso amigo, mas sim Deus. O nosso papel é apenas aprovar e acolher tal escolha e, dessa forma, abrir as portas do coração. A amizade é um sacramento. E o que é um sacramento? É um sinal visível do amor de Deus por nós. Um amigo é também um sinal visível do amor de Deus e do infinito amor de Deus por nós...Viver a verdadeira amizade só é possível quando acolhemos a escolha de Deus, pois a amizade brota da íntima experiência com o maior e melhor amigo: Jesus¹⁸.

¹⁷ AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. p. 2904.

¹⁸ AMIZADE: dom de Deus. *Toca para a Igreja*, São Paulo, 2008, p.03.

E mais: na visão cristã, já que um amigo é dom, uma dádiva da iniciativa de Deus, só resta ter uma atitude passiva de acolher este presente ou rejeitá-lo. Mesmo que esta mentalidade não seja a convicção da maioria das pessoas que acreditam no Cristo, ela é predominante.

Por outro lado, quem não acredita em Deus – aqui estão incluídos os ateus e alguns agnósticos – nunca vão chegar à conclusão de que a Divina Providência deu os bons amigos que tem. Irão concluir que eles os encontraram por acaso da vida. Sem referência a um ser superior perceberão que ocasionalmente se tornaram amigos.

Além disso, há os que afirmam que a amizade é adquirida, ou seja, é resultado de um esforço, luta, convivência, que depende da vontade do indivíduo. Como disse o psicanalista Valerio Albisetti:

A amizade aprende-se. Não nos tornamos amigos por acaso. Creio que a maioria de nós pensa que a amizade é casual, nasce por simpatia, por interesse comuns... Ser amigo, tornar-se uma pessoa aberta à amizade, é uma opção. Uma opção que não é fácil nem cômoda. É uma opção de pessoas conscientes¹⁹.

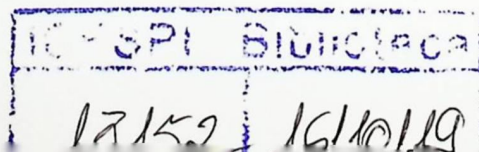
Em sua visão, são as pessoas que tomam a iniciativa de escolher os amigos que querem e não é um ser superior que dá os amigos de presente nem nasce por acaso.

Da nossa parte, concordamos que a amizade é adquirida, pois mesmo que os amigos sejam dons do Criador, isto não dispensa nossa cooperação. Devemos fazer a nossa parte, esforçando-nos para tal fim. Mesmo que uma pessoa pense que é por acaso que se tornaram amigos, houve certamente uma atitude, esforço, doação de si ao outro. Desta forma concluímos que é melhor dizer que a amizade seja algo a ser adquirido, a ser aprendido

1.5. Inimigo: é questão subjetiva ou objetiva?

Existem coisas que são de consenso universal, pois tem certas questões que praticamente todas as pessoas concordam. Ora, saber que existem inimigos é uma

¹⁹ALBISETTI, Valerio. *Ser amigos ou ter amigos: uma forma de conhecer a si mesmo e aos outros* p.93.



questão que ninguém duvida. Porém, a problemática relacionada a “inimigo” é só uma questão objetiva? Ou em alguns momentos pode ser uma questão subjetiva?

Em primeiro lugar, trataremos da questão objetiva. Certamente os inimigos existem. Não há um ser humano sequer que duvide disso. A existência deles não depende de nós, ou seja, mesmo que não acreditemos neles, eles existirão. Entretanto, percebemos que os inimigos não são só uma questão objetiva porque algumas vezes nós criamos inimigos na nossa mente, achando que determinada pessoa seja nosso inimigo sem que de fato ela seja. Logo, neste caso, é questão subjetiva.

Em segundo lugar, é oportuno refletir sobre a questão subjetiva. A experiência humana tem mostrado que várias vezes pessoas chegam a tirar conclusões não só precipitadas, mas também erradas. Por isso, certas pessoas pensam que tem inimigos sem serem de verdade. O problema acontece ou por juízo falso ou percepção errônea. Isso pode ter até acontecido conosco. Em alguma situação de nossa existência achamos que aquela pessoa é nossa inimiga sem sê-lo. É um problema subjetivo. Logo, a existência de inimigos pode ser uma questão subjetiva, apesar de ser errada.

Aristóteles já ensinava que todo efeito supõe uma causa. O problema subjetivo a respeito dos inimigos tem que ser resolvido na sua origem, na sua causa, a saber: *percepção errônea*. Temos que ajudar as pessoas a não julgarem precipitadamente e formarem a sua consciência. As pessoas precisam entender que às vezes os nossos sentidos exteriores nos enganam. Precisamos ter muita prudência em tudo na vida, inclusive nos relacionamentos com os outros. A prudência ajuda-nos a agir e julgar no momento certo e na hora certa. Assim a nossa reflexão pode ser confirmada no ensino de uma instituição bi-milenar de vivência moral, isto é, da Igreja Católica:

É a prudência que guia imediatamente o juízo da consciência. O homem prudente decide e ordena sua conduta seguindo este juízo. Graças a esta virtude, aplicamos sem erro os princípios morais aos casos particulares e superamos as dúvidas sobre o bem a praticar e o mal a evitar²⁰.

²⁰ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. n. 1806. p. 486.

Com a prática desta virtude, elimina-se na raiz a percepção errônea sobre as situações, e no nosso caso, nos relacionamentos humanos. Com isso, a existência de inimigos por juízo errado do sujeito estará eliminada.

Por fim, notamos na prática que os inimigos existem de fato e podem ainda existir na mente de pessoas que erradamente tiram conclusões em seus relacionamentos.

1.6. Concepção negativa da amizade

Nosso propósito agora é demonstrar o porquê de algumas pessoas terem uma concepção negativa da amizade. Onde está a causa de tal concepção? Ora, o bem e o mal são algo objetivo. Eles existem, independentemente de minhas concepções subjetivas. Ninguém nega que ter amigos na vida é uma das melhores coisas. Como afirma Aristóteles: “os amigos são os maiores bens exteriores”²¹. Se ter amigos é algo bom, como existir pessoas que tem visão negativa da amizade? Gay²² (apud José Willian Bonfim da Silva, 2001, p.109) salienta que: “A amizade, como o amor, não passa de um nome” ou outro autor Florian²³ (apud José Willian B. Silva, 2001, p. 109) de modo irônico, afirma: “Meus amigos: os amigos não existem”. Esta afirmação não tem fundamento de verdade, pois mesmo que nós na nossa experiência de amizade, não acreditemos nesta ou naquela pessoa, nem por isso a amizade passa de um nome porque a maioria das pessoas não só tem amigos, mas elogiam e recomendam a terem também. Os amigos existem; talvez eles não existam para nós, mas para as outras pessoas são uma verdade inquestionável. É algo objetivo.

O problema está no fato deste nosso tempo – chamado por muitos de pós-modernidade - marcados pela subjetividade e relatividade. Até as verdades absolutas estão sendo questionadas. O que se houve dizer atualmente é: ‘Isto é verdade para você e não para mim’ ou ‘a minha verdade é esta’... Todas as relações vão sendo marcadas por tais concepções, inclusive a amizade. Daí as opiniões subjetivas estarem hoje em alta.

²¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p. 209.

²² SILVA, José William Bonfim da. Sobre a amizade. *Teófilo*, Teresina, ano 05 p. 107-128, janeiro/dezembro. 2001. p. 109.

²³ Id., *ibid.* p. 109.

Por conseguinte, a nossa subjetividade não pode negar verdades objetivas e nossa experiência pessoal e particular não pode negar o consenso geral e universal de outras pessoas a respeito da amizade. No dizer de José Willian Bonfim da Silva:

Os que negam a existência ou os que a consideram uma raridade fazem-no, sem dúvida, porque não tiveram essa experiência nas suas vidas. São pessoas sem amigos. Não estão confundindo a sua falta de capacidade ou de oportunidade para ter amigos com a impossibilidade de que a amizade exista? ²⁴

Sobre esta situação, cabe-nos perguntar: será que não será melhor perguntar aos que experimentam um relacionamento de amizade? Eles são especialistas no assunto. Falam do que vivem. Também Cícero²⁵ (apud José Willian B. Silva, 2001, p.109) aconselhava: “Penso que deveis perguntar o que se pode dizer sobre a amizade aos que a praticam”.

Ora, na atualidade, existe muita falsidade entre as pessoas, dissimulação, fingimento, traição, desconfiança do outro. Tudo isso contribui para que os relacionamentos humanos às vezes estejam permeados de alguma destas situações. Assim, é comum as pessoas terem experiências frustrantes. Valerio Albisetti constata:

“Muitas pessoas, hoje, sentem-se tão desencantadas, desiludidas, céticas, que não acreditam mais na amizade. Ou melhor: a amizade tornou-se uma prática muito difícil, muito comprometedora. Dá-se muito mais importância às coisas que às pessoas” ²⁶.

Por outro lado, a própria pessoa corre o risco de se fechar em sua experiência frustrante. Mesmo assim afirmamos que são experiências negativas com certas pessoas que as levam a terem visão negativa da amizade. O problema é pessoal ou como se diz na linguagem filosófica: é subjetivo.

1.7. O mais importante é: ter amigos ou ser amigo?

De início, qualquer pessoa responderia que é melhor ter amigo do que ser amigo. Seja por causa de nosso egoísmo - pois só pensamos em nós – seja porque

²⁴ SILVA, José Willian Bonfim da. Sobre a amizade. *Teófilo*, p. 109.

²⁵ Id., *ibid.* p. 109.

²⁶ ALBISETTI, Valerio. *Ser amigos ou ter amigos: uma forma de conhecer a si mesmos e aos outros*. p. 136.

ter amigo é um bem que exige menos esforço do que ser amigo. É como se perguntássemos às pessoas se elas queriam ganhar uma coisa de graça ou fazer um grande sacrifício para conseguir tal coisa. Quase todos responderiam que queriam de graça, pois somos mais propensos ao descanso do que ao trabalho.

Contudo, uma coisa é um bem para mim e outra coisa é um bem em si mesmo. O bem para mim pode ser somente por egoísmo, ao passo que o bem em si mesmo geralmente é valor duradouro, altruísta, mais coletivo, visa o todo. Vivemos numa sociedade não só relativista, subjetivista, mas também individualista e egoísta ao extremo.

Grande parte dos relacionamentos humanos traz a marca do egoísmo, inclusive a amizade. As pessoas hoje mudaram os valores, estão revertendo os verdadeiros bens. Numa análise bem cuidadosa dos relacionamentos de amizade, percebe-se a tendência de só querer ter amigos, fazer amizades e gozar destas boas companhias. Contudo, será que isso vai gerar valores duradouros e bens permanentes nos relacionamentos? Achamos que não. Em se tratando da verdadeira maturidade de relacionamentos na amizade, notamos que é melhor ser amigo do que querer só ter amigos.

Cabe aqui uma observação muito pertinente ao assunto tratado. Quando afirmamos que é melhor ser amigo do que ter amigo, não queremos falar que desejar ter amigos é uma atitude reprovável. Nada disso. Esse desejo é bom e não traz em si nada de vergonhoso ou que mereça repreensão. Contudo, não devemos parar nele, ficar só nesta atitude porque se ficarmos tão-somente querendo ter amigos sem querer sê-lo das pessoas é muito prejudicial para os relacionamentos. Criar-se-á com o tempo práticas e atitudes egocêntricas. Desta forma, não haverá maturidade nas amizades, mas buscas e vivências egoístas sem espaço para o amor que exige doação pelo outro, desejo do bem dele, até sacrifício de si ao outro.

Viver querendo só ter amigos é comportamento interesseiro. É fixar-se numa fase imatura da pessoa humana como a infância. É próprio de a criança ser egocêntrica. Ele só quer tudo para si. Não pensa nos outros. Exige tudo para si mesma e se coloca no centro para receber. Pessoas adultas egocêntricas têm as mesmas atitudes de crianças ou até piores. Conforme a crítica de Valerio Albisetti:

Consciente ou inconscientemente, tais pessoas irão sempre exigir dos outros. Jamais irão doar-se. Pretenderão sempre ser amadas. Mas

difícilmente estarão dispostas a amar. Consequentemente irão à luta com todas as suas energias para se tornarem benquistas e amáveis. Se aprenderem a ser dóceis, inofensivas, afáveis, será só para receber afeto e amizade; nunca para dar. Ao invés de aprender a ouvir e acolher o outro, incapazes de autênticas amizades, elas insistem, obstinadamente, na idéia de que os outros é que devem amá-las e colocar-se a serviço delas. Exigem, pretendem. Jamais se doam, jamais ouvem, jamais intuem profundamente a necessidade do outro. Não respeitam o próximo. Jamais se identificam com ele. Pensam estar sempre com crédito. Nunca em débito com os outros²⁷.

Ao contrário disso, a pessoa adulta tende a amar mais que ser amada, tem consciência que deve dar mais que receber, isto é, não fica só numa atitude passiva, pelo contrário, é mais ativa, prestativa, solidária. Além disso, é perigosa uma pessoa querer só ter amigo do que ser amigo dos outros pelo fato desta pessoa se achar merecedora de tudo: atenção, carinho, ajuda etc. Ela não será um dom para os outros, mas só peso. O amigo sempre a carregará nos ombros. José Fernandes de Oliveira –Pe. Zezinho- faz outras observações deste perigo, a saber:

Nunca ninguém saberá o que é ter um amigo, se não compreender que, antes disso, é preciso ser amigo. A gente só tem um amigo, quando compreende que ele está com a gente, mas não pertence à gente. Na verdade, eu não tenho amigos. Eu sou amigo de muitas pessoas, que também são minhas amigas e amigos. Quando se supera o sentimento de posse; quando se supera o ciúme e a disputa pela atenção de alguém; quando se divide e reparte fraternalmente o afeto desse alguém; quando se aceita como natural que alguém, a quem amamos, ame também os outros e as outras e, às vezes, até com maior intensidade do que nós; quando se ocupa o mínimo possível o espaço do eu desse alguém, e se abre o mais possível o espaço do nosso eu para ele ou ela; quando abrimos mais os braços para abraçar do que para ser abraçados; mais para ouvir do que para ser ouvidos; mais para ajudar do que para ser ajudados; mais para amar do que para ser amados; então estamos caminhando na direção de uma amizade pura, desinteressada, onde o outro é amado em razão dele mesmo e não em razão de nossas carências afetivas²⁸.

Podemos acrescentar mais um dado conforme nosso autor acima citado: a origem de tanto desejo de só ter amigo é *carência afetiva*. Ora, segundo o ensinamento comum da psicologia, uma pessoa que fica só gratificando sua dependência afetiva permanece imatura porque precisa sempre dos outros para se apoiar, para andar. Nunca caminhará com os próprios pés. Quererá que a sua “moleta” –seu amigo- fique sempre ao seu lado. Não será um adulto livre, mas apegado. Não terá um amor desinteressado. Será sempre interesseira e egoísta. E

²⁷ ALBISETTI, Valerio. *Amizade*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 3-4.

²⁸ OLIVEIRA, José Fernandes de. *Amizade talvez seja isto*. São Paulo: Paulus, 1988. p. 18-19.

peessoas egoístas serão sempre apegadas, presas ao seu sentimento de posse. O outro ficará sempre acorrentado a esse sentimento. Este não saberá o que é ter momentos a "sós" ou "livres", pois seu amigo interesseiro o desejará que fique só consigo.

Depois de tratarmos tanto sobre ser amigo cabe-nos agora descrevermos como sê-lo de fato. José Fernandes de Oliveira afirma poeticamente que ser amigo quer dizer que:

Não tenho o direito de exigir que confies cegamente em mim, não tenho o direito de saber tudo a teu respeito, não tenho o direito de roubar teu tempo, não tenho o direito de interferir em teus caminhos, não tenho o direito de chantagear-te com minha bondade, não tenho o direito de exigir que chores primeiro no meu ombro, não tenho o direito de exigir que corras primeiro em minha direção, não tenho o direito de reclamar pelas verdades que não disseste, nem pelas mentiras que proferiste, nem pelos segredos que ocultaste. Ser teu amigo não me dá o direito algum sobre tua consciência. Antes, ser teu amigo implica apenas e tão-somente querer o teu bem, porque te quero bem. E só ²⁹.

Em suma, para construirmos uma sociedade melhor, devemos aderir a outros valores, ou seja, permanentes e duradouros. Ser amigo dos outros é um dos valores duradouros que precisamos implantar neste mundo tão egoísta. Passa-se do egoísmo para o altruísmo. Por conseguinte, é melhor e mais proveitoso tanto para os indivíduos como para a sociedade que as pessoas busquem ser mais amigas das outras do que querer só ter amigas.

²⁹ OLIVEIRA, José Fernandes de. *Amizade talvez seja isto*. p. 11.

CAPÍTULO II

CONSIDERAÇÕES ESPECÍFICAS SOBRE A AMIZADE

A nossa reflexão a seguir não vai ser mais tão ampla e geral como no capítulo anterior, mas específica acerca da amizade. Contudo, quando dizemos específica se refere a situações ou pensamentos que constantemente mexem e deixam as pessoas perplexas e algumas até sem compreensão de certos assuntos. Terá sim uma reflexão teórica recheada de situações práticas, concretas, vividas por muitos ao longo da história e também por cada um de nós.

2.1. Amizade condicionada e amizade escolhida

Todos nós alguma vez na vida já se questionou do por que muitas pessoas que conhecemos, vivem ao nosso lado e não se tornam nossos verdadeiros amigos depois de longos anos.

De início, a explicação se dá pelo fato dos verdadeiros amigos serem escolhidos por nós. Isto quer dizer que há pessoas que escolhemos e há pessoas que estão ao nosso redor sem que quiséssemos. A título de exemplo podemos citar o nosso companheiro de trabalho ou estudo. Muitos deles não os escolhemos como amigos. Ora, tem pessoas com quem não temos afinidade, confiança. Logo, estas pessoas jamais serão escolhidas por nós como amigas, pois ninguém irá escolher como amigo uma pessoa que não tem confiança. Portanto, os amigos são escolhidos justamente pelas coisas em comum e pela afinidade. Segundo Aristóteles:

Como podem continuar amigos se não aprovam as mesmas coisas, nem se comprazem ou sofrem as mesmas coisas (...) definimos um amigo como aquele que deseja e faz, ou parece desejar e fazer o bem no interesse de seu amigo, ou como aquele que deseja que seu amigo exista e vive por si mesmo (...) Outros definem o amigo como aquele que vive na companhia de uma pessoa e tem os mesmos gostos que essa pessoa, ou que compartilha os pesares e alegrias de seu amigo (...) É por alguma dessas características que se define a amizade¹.

A amizade define-se pelo conjunto de características que devem existir ao mesmo tempo. Uma só característica isolada não pode definir a verdadeira amizade. Por exemplo: podemos ter os mesmos gostos culturais de um companheiro nosso de trabalho – torcer pelo mesmo time de futebol – sem ser amigo dele de verdade. A característica de se ter um mesmo gosto é marcante, mas não é predominante na amizade, nem é a única. Para Aristóteles, as características que definem a amizade são: passar junto os seus dias, comprazer-se na companhia um do outro, adquirir experiência recíproca na convivência, tornar-se íntimo².

Assim, os companheiros que estão ao nosso lado e em nosso caminho, por não serem escolhidos por nós, dificilmente se tornarão nossos amigos íntimos. Amizade condicionada geralmente não proporciona uma amizade duradoura. Por isso percebemos que depois de certo tempo de convivência com nossos companheiros a situação vai mudando e a aparente amizade vai se desfazendo.

Por outro lado, na amizade escolhida pode-se ter um relacionamento mais duradouro com o amigo, pois este é escolhido, provado e aos poucos iremos perceber se realmente é de fato amigo na vida cotidiana. Só quando o amigo estiver em todos os momentos de nossa vida, seja ele bom ou ruim, quando permanecer ao nosso lado nas desgraças e doenças, é que notaremos ser ela uma pessoa interesseira ou desinteressada. Por conseguinte, o nosso coração não permite que qualquer pessoa entre nele sem que dê provas de verdadeira amizade. É uma lei interior que está em cada um de nós.

2.2. Amizade é diferente de educação

Outro aspecto a ser tratado e distinguido refere-se à relação entre amizade e educação. Embora uma esteja presente na outra, há diferenças consideráveis.

¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, p. 200.

² Id., *ibid.* p. 180.

Em nosso cotidiano encontramos muitíssimas pessoas educadas que nos tratam com educação e cortesia. Ao lado dessa realidade, existe um bom número de indivíduos que não tem educação alguma porque tratam os outros com aspereza e irritação.

Pessoas que nos tratam bem nem sempre são nossos amigos, apenas pessoas educadas. Existem pessoas profundamente gentis, educadas, atenciosas com as outras por causa da educação que receberam em casa. Nem todo aquele que nos trata bem é nosso amigo, mas todos os nossos amigos nos tratam bem. Aristóteles comenta: "Para serem amigas as pessoas devem conhecer uma a outra, desejando-se reciprocamente o bem"³. Isto para distinguirmos as situações e pessoas com quem nos relacionamos. Uma coisa é educação e outra é amizade.

Amizade requer bons tratos, educação. Porém, é mais do que isso. O que constitui a característica essencial da amizade é *desejar o bem ao outro*. Aristóteles ensinou:

"Aqueles que desejam o bem aos seus amigos por eles mesmos são amigos no sentido próprio, porque o fazem em razão da sua própria natureza e não por acidente"⁴.

Assim a amizade é caracterizada não só pelo bom trato, mas, sobretudo pelo *desejar o bem ao amigo*.

Quando falamos que *desejar o bem ao amigo* é uma característica primordial da amizade não é simplesmente este desejo bom que constitui a essência da amizade, pois tem pessoas benevolentes que fazem isso com facilidade. Então, como distinguir o benevolente do amigo? Aristóteles explica:

A benevolência é um elemento da relação amigável, mas não é amizade; podemos senti-la em relação a pessoas as quais não conhecemos, sem que elas próprias saibam disso, entretanto o mesmo na pode suceder com a amizade... a benevolência nem sequer é um sentimento amistoso, visto que não envolve intensidade ou desejo, ao passo que o sentimento de amizade é acompanhado desses elementos. Ademais, a amizade envolve intimidade, enquanto a benevolência pode surgir subitamente... a benevolência parece ser o início da amizade... a benevolência é uma amizade inativa, não obstante, quando se prolonga e chega ao ponto da intimidade, ela passa a ser amizade verdadeira⁵.

³ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p. 174.

⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p. 176.

⁵ Id., *ibid.* p. 202.

Por outro lado, nem todo aquele que nos trata mal é nosso inimigo ao passo que todos os nossos inimigos nos tratam mal. Há pessoas que nos tratam mal pelo simples fato de serem mal educadas, duras, ásperas ou estarem irritadas em dado momento. Mas nem por isso devem ser consideradas inimigas. A seguir, os inimigos geralmente têm atitudes grosseiras para conosco, entretanto, podem inclusive nos tratar bem quando querem ser falsos. Logo, não devemos cair no erro de julgar atitudes isoladas, mas devemos observar todo o contexto.

2.3. O falso amigo é pior do que o inimigo

Nota-se em qualquer época que uma das maiores dores e decepções que as pessoas enfrentam na vida são causadas ou por falsidade ou por traição de um amigo. É uma dor que não tem explicações. Só quem passou por uma experiência deste tipo pode ter uma noção desta realidade. Oh! Como é doloroso saber que aquele amigo em quem confiávamos era falso, fingido e hipócrita conosco. Dor que faz com que a amizade se acabe. Ferida tão marcante que não esquecemos jamais, só restando apenas uma lembrança amarga de tal convivência.

Falaremos um pouco adiante que ter inimigos é um dado objetivo. Por ora, constatamos apenas isto: os nossos inimigos nos causam grandes males, desejam a nossa desgraça e infelicidade, pensam coisas horríveis a nosso respeito, além de falar muitas mentiras e maledicências. Se perceberem uma fragilidade nossa, aumentam o tamanho dela e fazem divulgação do nosso limite. Contudo, existe algo ainda pior do que ter inimigos na vida? A esse respeito respondemos que sim. O falso amigo chega a ser pior que o inimigo! Mas como? Assim respondemos e confirmamos a nossa reflexão com um psicanalista contemporâneo, Valerio Albisetti:

“O falso amigo é pior do que o inimigo. Este último descobre nossos pontos fracos para ferir-nos, mas toca a verdade; o falso amigo, ao contrário, esconde-nos a verdade, faz de conta que não vê quem somos na verdade”⁶.

Além do mais, o falso amigo causa uma chaga e uma ferida muito maior e mais dolorosa que um inimigo, pois do inimigo prevemos suas ações, isto é, já sabemos que dele vem males, ao passo que a traição e falsidade de um amigo são

⁶ ALBISETTI, Valerio. *Ser amigos ou ter amigos: uma forma de conhecer a si mesmo aos outros*. p.139.

dolorosíssimas, justamente pelo fato de nos pegarem de surpresa. Não esperamos tal reação. O fingimento de um falso amigo é imprevisível. É sem explicação. Palavra alguma consegue dizer o que se passa no coração de uma pessoa traída ou enganada. Ela fica profundamente arrasada. Este é um sentimento comum em todos os seres humanos, a saber, ninguém gosta de ser enganado.

Mesmo que a linguagem do “falso amigo” ou “amigo falso” não seja usado com muita frequência no dia-a-dia das pessoas, é de suma importância destacar esta expressão. Geralmente nós falamos mais dos ‘inimigos’. Mas por quê? Sobre esta questão percebemos que é por dois motivos: um porque nos defrontamos mais com eles no cotidiano de nossa existência. Outro porque eles são mais numerosos que os falsos amigos. Ora, às vezes, certas situações constrangedoras são tão marcantes que nem precisam de muita frequência nem de grande quantidade para permanecer para sempre em nossa memória. Logo, mesmo que dificilmente encontremos o “amigo falso” ou “falso amigo” em nosso caminho, eles podem nos causar tantas decepções que é difícil enumerar. Devemos colocar nossos amigos a prova. A Sagrada Escritura expressa isso com veemência:

Se queres um amigo, adquire-o pela prova e não te apresses em nele confiar. Porque há amigo de ocasião: ele não será fiel no dia de tua tribulação. Há amigo que se torna inimigo e que revelará querelas para tua vergonha. Há amigo que é companheiro de mesa, mas que não será fiel no dia de tua tribulação. Na tua prosperidade é como se fosse outro tu, falando livremente a teus servos; se és humilhado, estará contra ti e se esconderá da tua presença. Afasta-te de teus inimigos e acautela-te com teus amigos⁷.

Até os bons são traídos. A título de exemplo podemos citar aquele que mais encantou e continua encantando a humanidade ainda hoje: Jesus Cristo. Até Ele foi traído. Viveu com um amigo falso ao seu lado. Jesus só não sofreu tanto porque sabia desde o início que ele era falso e seria o traidor.

Além disso, o autor acima citado diz que o falso amigo esconde-nos a verdade, fazendo de conta que não vê quem somos de verdade. Ele não fala a verdade para nós. Além disso, o falso amigo esconde a verdade de quem ele é. Não só não nos fala a verdade para nós a nosso respeito, mas não fala de si com veracidade, com franqueza. Valério Albisetti comenta:

⁷ BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006. Eclo 6, 7-13;

“Os amigos autênticos, mostrando-se como são, provocam escândalo. Obrigando a confrontar-se com eles, com sua transparência e sinceridade”⁸.

Todos nós temos fome de verdade, mas o amigo falso nos alimenta com mentiras. Queremos um verdadeiro amigo ao nosso lado, porém, temos um falso amigo que a qualquer momento nos pode “golpear por trás”.

Por fim, fica claro que a dor aguardada é menos intensa do que aquela inesperada e repentina, especialmente por aqueles em quem confiamos. Quando sabemos que vamos passar por constrangimentos e situações difíceis, conseguimos manter vigilância. Preparamos até o nosso coração para aquele “duelo” em certos relacionamentos. Mas, quando não esperamos uma situação dolorosa, ela nos atinge profundamente e penetra até o mais íntimo de nós mesmos. Se a pessoa não tiver um equilíbrio emocional e psíquico bem desenvolvido, ficará abalada ou mesmo traumatizada tendo a partir disso uma péssima visão da amizade. Por isso, dizemos que a falso amigo é pior que o inimigo.

2.4. A amizade é estar junto ou relacionar-se?

De início, é uma pergunta quase tola, pois nossos amigos e amigas estão sempre ao nosso lado. Por isso fica até sem sentido perguntar isso. Porém, analisando a questão mais a fundo perceberemos certos aspectos interessantes, a saber: nem todo aquele que está junto de nós é nosso amigo, ao passo que todos os nossos amigos estão junto de nós.

Primeiramente, o fato de estar junto pode significar várias coisas. A título de exemplo podemos citar o lugar de trabalho, de estudo, onde passeamos como quando pegamos ônibus: encontramos-nos com as mesmas pessoas, mas se não nos relacionamos com elas, não podemos falar em amizade. Se nos cumprimentarmos – o cumprimento pode ser apenas por educação – mas não entrarmos num diálogo, partilha de vida e troca de experiências, além de outras coisas, não existirá amizade. Amizade é relacionar-se, viver juntos alegrias e tristezas, momentos bons e ruins, confiança no outro, abertura. É saber não só o nome de uma pessoa, onde ele mora, mas seus mais profundos desejos e anseios, suas qualidades e defeitos, virtudes e vícios. Logo, devemos ter a plena certeza que

⁸ ALBISETTI, Valerio. *Ser amigos ou ter amigos: uma forma de conhecer a si mesmo e aos outros*. p. 17.

nem todas as pessoas que estão perto de nós são nossos amigos. O fato de estar junto é uma coisa, entretanto, relacionar-se é outra bem diferente.

Depois, o que mais caracteriza a amizade é o relacionamento, a convivência, com aquele que está próximo. A proximidade por si só não pode esgotar um relacionamento tão profundo quanto o é a amizade. Isso nós queremos deixar evidente para não correremos o risco que várias pessoas se expõem achar que alguém que vemos ou até conversamos todos os dias no trabalho, escola ou em outro lugar seja nosso amigo do peito. Além disso, esse relacionamento no qual nos referimos envolve toda uma série de fatores: pode ser físico (aperto de mão, abraço, beijo), psíquico ou espiritual. A amizade constitui-se um relacionamento onde pessoas passam juntos os seus dias, comprazem-se na companhia uma da outra, têm experiência recíproca e se tornam íntimas como nos lembra Aristóteles⁹.

Em suma, nem todo aquele que está perto de nós é nosso amigo, mas todo amigo está próximo de nós e se relaciona conosco, compartilhando todos os momentos de nossa existência quer felizes ou tristes, angústias ou tribulações.

2.5. A amizade deve ter limites

Em primeiro lugar, devemos afirmar que a amizade deve ter limites. Esta afirmação parece ir contra a experiência comum de que entre amigos não se deve ter barreiras, limites. Grande maioria das pessoas está inclinada a não colocar limites na amizade, por exemplo, segredos, confidências etc.

Quando afirmamos que na amizade deve-se ter limites queremos evidenciar que não posso fazer do outro, do meu amigo uma segurança absoluta. É uma situação muito perigosa depositar toda a nossa segurança numa pessoa, por mais que ela seja nossa amiga. Constatamos na experiência do dia-a-dia e na Sagrada Escritura que é preferível ter algumas reservas ou até segredos pra com nosso amigo.

Primeiramente, vamos analisar a experiência da pessoa humana em seus relacionamentos. Há um ditado popular que diz: "a história é mestra da vida". Teoricamente, achamos que devemos colocar nos amigos toda a nossa confiança. Porém, há um fenômeno muito comum nos seres humanos: as pessoas mudam, são

⁹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p. 180.

passíveis de mudanças, transformações. É natural. Já que é tão comum as pessoas mudarem, também os amigos – por serem pessoas – mudam. Muitos deles com o passar do tempo não correspondem à nossa amizade, nos decepcionam, nos traem ou simplesmente ficam indiferentes ou estranhos para conosco. Até a Sagrada Escritura, livro sagrado para bilhões de pessoas, ensina: “Acautela-te com teus amigos”¹⁰. Talvez até alguém entre nós já tenha passado por experiência assim. Este nosso tempo faz com que as pessoas vivam numa correria, agitação e ativismo assustador, fazendo com que as pessoas não se preocupem com relacionamentos profundos com a amizade que nos faz gastar tanto tempo e nem nos faz ganhar dinheiro.

Assim, também a própria Bíblia – Palavra de Deus – faz duras críticas a quem confia plenamente num ser humano. Esta crítica nos vem por meio do profeta Jeremias:

Assim diz Iahweh: Maldito o homem que confia no homem, que faz da carne a sua força, mas afasta seu coração de Iahweh! Ele é como cardo na estepe: não vê quando vem a felicidade, habita os lugares secos no deserto, terra salgada, onde ninguém mora. Bendito o homem que se fia em Iahweh, cuja confiança é Iahweh. Ele é como uma árvore plantada junto da água, que lança suas raízes para a corrente: não teme quando chega o calor, sua folhagem permanece verde; em ano de seca não se preocupa e não pára de produzir frutos. O coração é falso como ninguém, é incorrigível; quem poderá conhecê-lo?¹¹

Ademais, não queremos defender a idéia de se ter limites na amizade só por causa dos motivos acima citados, pois cairíamos numa análise negativa do assunto tratado. Nosso pensamento vai além. Todas as pessoas devem ter – por próprio direito de consciência – segredos ou reservas que cabem somente a si mesmas saber. É um momento só nosso, em nosso interior ou em nossa consciência. Devemos ter momentos assim onde eu fique só comigo mesmo sem ter ninguém por perto. Por mais que o nosso melhor amigo nunca tenha traído a nossa confiança, nem ele deveria saber de coisas que somente a nós cabe saber. As pessoas precisam ter esses momentos de “solidão edificante” no qual nós crescemos no autoconhecimento. Neste ponto, notamos que nem os amigos devem saber.

Contudo, dizemos que nem nós devemos nos relacionar assim com nossos amigos e nem querer que eles confiem cegamente em nós. É um direito de nossos amigos nos colocarem no degrau que eles quiserem em seu coração. Não devemos

¹⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM. Eclo 6, 13;

¹¹ Op. cit. Jer 17, 5-9;

cobrar tais atitudes deles, mas deixá-los livres. José Fernandes de Oliveira, Pe. Zezinho, assim explica falando a seu amigo:

Não tenho o direito de exigir que confies cegamente em mim, não tenho o direito de saber tudo a teu respeito, não tenho o direito de roubar teu tempo, não tenho o direito de interferir em teus caminhos, não tenho o direito de chantagear-te com minha bondade, não tenho o direito de exigir que chores primeiro no meu ombro, não tenho o direito de exigir que corras primeiro em minha direção, não tenho o direito de reclamar pelas verdades que não disseste, nem pelas mentiras que proferiste, nem pelos segredos que ocultaste. Ser amigo não me dá direito algum sobre tua consciência¹².

Esta é a “**liberdade e desapego**” que propomos. Ao longo da história, muitas pessoas viveram apegadamente a seus amigos e depois ensinaram que devemos falar tudo a nosso amigo. Não ter nenhum segredo para com ele. Não obstante, propomos uma maturidade mais nos relacionamentos humanos: relações de altruísmo e não de egoísmo. Devemos falar com nossos amigos às coisas que nos acontecem, sentimentos que sentimos. Mas não temos a obrigação de falar. Uma coisa é querermos dizer algo, outra bem diferente é ter obrigação de falar. A amizade não nos dá o direito de obrigação a “confiança cega e absoluta” em nossos amigos. Só devemos colocar esta confiança no transcendente, no absoluto que chamamos Deus.

2.6. Benefícios da amizade

Sendo a amizade um grande bem, só poderá trazer inúmeros benefícios consigo. Ela não somente dá sentido à nossa vida como também dá prazer à nossa existência, dá segurança, dá conforto e consolo, oferece oportunidade para sermos caridosos e generosos e por fim, pela amizade podemos conhecer-nos mais profundamente.

Amizade verdadeira gera sentido na vida. Quem de nós já não experimentou uma sensação de bem estar existencial no mais profundo do ser? É situação muito comum para quem tem grandes amigos. Bem entendeu esta sensação Marco Túlio Cícero¹³ (apud Anselm Grün, 2007, p. 19) quando afirmou: “Tiram o sol do mundo aqueles que tiram a amizade da vida”. Comparar a amizade com o sol não foi

¹² OLIVEIRA, José Fernandes de. *A amizade talvez seja isto*, p. 11.

¹³ GRÜN, Anselm. *Eu lhe desejo um amigo*, 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.19.

exagero literário do referido filósofo romano Cícero. É uma verdade existencial. Assim como o sol ilumina a vida dos seres, assim também a amizade ilumina a vida das pessoas. Não só ilumina, mas dá vida, sentido às pessoas.

Além disso, a amizade causa prazer. Esta é uma constatação do grande filósofo grego Epicuro¹⁴. Realmente, a satisfação de se ter um verdadeiro amigo é inexplicável. Palavras não conseguem descrever toda a delícia de uma amizade virtuosa. O que seria do mundo sem amizade? Johann Wolfgang Goethe¹⁵ (apud Anselm Grün, 2007, p. 21) responde:

“O mundo é tão vazio quando pensamos apenas nas montanhas, rios e cidades; mas saber que cá e lá existe alguém que comunga conosco, com o qual também nós convivemos tacitamente, isto faz deste globo terrestre para nós um jardim habitado”.

Além do mais, segurança é outra característica de quem tem um amigo. Todo amigo nos dá segurança. Temos uma certeza de um auxílio do nosso amigo em qualquer situação, seja ela boa ou ruim. Podemos citar um pensamento de Anselm Grün a respeito disso:

Saber que posso ir ao amigo, à amiga, em qualquer situação e a qualquer tempo é um porto seguro. Muito ajuda saber para não sucumbir sob a depressão e em entregar. Ele dá força para me decidir sempre de novo pela vida e enfrentar os perigos internos e externos (...). O amigo não precisa estar sempre comigo e perto de mim, basta que eu tenha a certeza de sua amizade. Isto me ajuda a suportar alguma dor, alguma decepção e alguma doença sem desesperar. Não preciso telefonar todo dia, pois sei que, se precisar dele, ele me ouvirá, tudo fará para me ajudar¹⁶.

Conforto é outro benefício que a amizade nos traz. O amigo é o melhor terapeuta nas experiências de abandono e humilhação (cf. Anselm Grün, 2007: p. 20-21). Psicólogos chegam a afirmar que pessoas sem amigos sofrem muito mais fatalidades e crises (cf. Anselm Grün, 2007: p. 19). Com amigos ao nosso lado temos mais consolo nos momentos difíceis e conforto nas aflições da vida. Quanto alívio sentimos tão somente pelo simples fato da companhia de nosso amigo!

¹⁴ GRÜN, Anselm. *Eu lhe desejo um amigo*, p. 15.

¹⁵ Id., *ibid.* p. 20.

¹⁶ Id., *ibid.* p. 20-21.

Aristóteles ensinava que devemos fazer o bem a todos, especialmente a nossos amigos. É como se tivéssemos uma obrigação de gratidão por tudo de bom que nossos amigos fizeram para conosco. Diz o Estagirita:

Se fazer bem aos outros é mais próprio de um amigo do que beneficiado, e se conceder benefícios é próprio do homem bom e da virtude, e é mais nobre fazer bem a amigos do que a estranhos, o homem bom precisará de pessoas a quem possa fazer bem (...). Não apenas um homem na adversidade precisa de amigos que lhe faça benefícios, também os homens prósperos precisam de alguém a quem possam fazer o bem.¹⁷

Por conseguinte, a amizade proporciona-nos a oportunidade de sermos generosos, benevolentes e caridosos para com nossos amigos.

Por fim, o nosso amigo ajuda-nos a conhecer-nos a nós mesmos. Quantas verdades nossos amigos nos falam! Quantos defeitos nossos amigos nos fazer ver! Atitudes nossas que achávamos corretas, vistas por nossos amigos e por outro ângulo, acabam sendo reprovadas, pois nem sempre estamos com a verdade. Só os nossos amigos íntimos nos fazer perceber certos detalhes importantes na vida. Para Platão, para descobrirmos o segredo de nossa alma, precisamos de um amigo que nos ajude a nos voltar cada vez mais para o bem (cf. Anselm Grün, 2007: p. 14).

¹⁷ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*, p. 209-210.

CAPÍTULO III

AMIZADE DIGITAL

Ao longo da história as pessoas se relacionaram de várias formas. Quando estavam pertos, a forma mais comum era o encontro pessoal, a conversa a dois. Esta prática foi praticada por inúmeras gerações de indivíduos de todos os tempos e lugares.

Além disso, quando estavam longe, os amigos se relacionavam por meio de cartas. Estas eram verdadeiros meios de se manter contato com o amigo ou amiga. Ainda hoje muitas pessoas escrevem cartas a seus amigos e outros até tem guardado todas as correspondências recebidas. Existem escritores que defendem que a amizade precise de cartas para se manter. Anselm Grün assim explica:

Escrever faz parte essencial da amizade. Devemos à amizade as mais belas cartas da literatura universal (...). A amizade precisa da carta, onde conto ao amigo o que me impulsiona para frente (...). O amor que está em nós quer expressar-se. A carta é expressão duradoura da amizade¹.

Realmente, a carta foi e ainda é bastante utilizada pelos amigos para se corresponderem entre si. Contudo, atualmente percebemos um fenômeno novo nos relacionamentos, a saber: a amizade virtual. Por meio desta amizade as pessoas não precisam estar perto de seus amigos para conversarem como antigamente. Aliás, podem até estar muito longe um do outro e mesmo assim conversarem em tempo real, instantaneamente por meio das novas tecnologias como, por exemplo: telefone celular, e-mail, MSN, Orkut, Facebook, WhatsApp etc.

¹ GRÜN, Anselm. *Eu lhe desejo um amigo*. p. 27.

A seguir, perceberemos que a amizade virtual ou digital é artificial e diferente da amizade tradicional; analisaremos o quanto esta nova forma de relacionamentos produz proveitos, seus perigos e, por fim, notaremos que a amizade virtual não é tão confiável.

3.1. É artificial

De início, devemos distinguir o conceito de natural e artificial. Por natural entendemos tudo aquilo que possui um dinamismo e estruturação, independentes da intervenção humana, ou seja, possui uma atividade própria². E o conceito de artificial entende-se a nossa intervenção no processo de produção e nas coisas naturais³.

Depois de feito a distinção, podemos prolongar nossa reflexão até a amizade. Compreendemos que existe uma amizade natural e uma amizade digital. A amizade natural é aquela que se vive por meio dos cinco sentidos humanos: audição, olfato, tato, paladar e visão. A amizade natural é aquela que vemos nosso amigo próximo a nós, tocamos nele, sentimos seu cheiro, escutamos a sua voz, conversamos pessoalmente. Este relacionamento é natural, comum. Já com a amizade virtual acontece algo muito diferente. Por meio da amizade digital temos sim relacionamento com nosso amigo, mas é virtualmente. Muitas vezes, não o vemos, não o tocamos, não sentimos seu cheiro, não ouvimos a sua voz nem falamos-lhe ao coração de perto. Percebemos uma enorme diferença entre ambas as amizades. O nosso coração tende geralmente a se abrir com aqueles que labutam conosco de perto, no dia-a-dia ao nosso lado do que com amigos distantes que estão a milhares de quilômetros de distância do outro lado do computador. Portanto, é muito mais confiável a amizade natural do que a artificial.

3.2. Proveitos da amizade digital

Inúmeros são os proveitos que a amizade virtual gera. Ela eliminou os limites de tempo e espaço. Isto quer dizer que as pessoas podem se comunicar entre si a qualquer horário que quiserem. E esta comunicação acontece instantaneamente.

² ARTIGAS, Mariano. *Filosofia da Natureza*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005. p. 49.

³ Id., *ibid.* p. 56.

Além do mais, a amizade encurtou os espaços. Agora os indivíduos podem até se verem via online, por exemplo, pela web cam. Antigamente isso não acontecia, pois quando se estava longe um do outro, os amigos não podiam se ver e nem se comunicar tão rápido como agora acontece, graças às novas tecnologias.

Além disso, outro proveito é a exclusividade. Atualmente podemos estar a sós com nosso amigo e conversar com ele sem sermos incomodados. Podemos selecionar as pessoas com quem queremos dialogar. Claro, isso também acontecia com as formas de se relacionar tradicional porque se tinha reservas. Mas agora a exclusividade é diferente. Com a amizade digital não podemos sequer ser vistos ou percebidos.

A amizade digital é um meio tecnológico barato. Isto significa que é mais econômico que o telefone celular. Com isso, bilhões de pessoas preferem conversar com seus amigos via internet, pois por meio do mundo virtual podemos não só conversar, mas até enviar vídeos, fotos, mensagens, textos, etc.

Outro benefício é a rapidez da informação. A amizade digital é muitíssimo mais rápido que a carta. O mundo virtual possibilita-nos a troca de informações e diálogos instantaneamente. Antigamente a carta demorava bastante para chegar ao local desejado. Hoje tudo acontece com uma velocidade que nos impressiona, porque bastam alguns cliques e pronto; a mensagem é enviada na hora. Isto faz com que as pessoas não percam mais tempo a esperar a carta chegar.

3.3. Não é tão confiável

Nos tempos hodiernos as pessoas – em sua maioria -- são fingidas, dissimuladas e falsas. É o tempo atual. Virou costume quase generalizado. As pessoas têm medo de ser verdadeiras, mostrarem-se como são. Entretanto, nossa visão não é negativa como a princípio parece ser, mas realista. É o que percebemos nos indivíduos de hoje.

Neste contexto, também a amizade está envolvida. Nos relacionamentos entre os seres humanos há muito engano, mentira, farsa; mas, ao lado disso, existe uma grande multidão de pessoas honestas, de boa intenção e verdadeiras, seja consigo mesmas seja com os outros. Por conseguinte, algumas amizades se formam na farsa, permanecem na mentira e terminam assim. É bastante difícil

entender o coração humano e perceber a reta intenção das pessoas que se aproximam de nós. Somente a experiência do dia-a-dia poderá provar se as companhias que temos vale a pena valorizar ou desprezar.

Aristóteles já advertia que existem amizades que se formam por interesse. Estas amizades não permanecem por muito tempo, mas se desfazem facilmente, porque são apenas acidentais⁴. Ora, se isso acontece com as amizades naturais, o que não dizer das amizades virtuais? Geralmente, as pessoas se tornam amigas no mundo digital por algum interesse: religioso, cultural, moral, educacional. Todavia, quando se acaba o interesse, a amizade também se desfaz, pois o que ligava estes amigos era apenas o interesse. Numa amizade assim, não há compromisso duradouro, mas temporário.

A amizade digital tem fases. Ora bem, ora mal. Isso é comum, porém, na amizade virtual é mais frequente do que a amizade natural. Há momentos que a comunicação é diária, outras vezes é semanal ou até mensal. Não dá pra se ter uma noção do quanto da freqüência. Isso se deve a tantos fatores que não se pode perceber a origem deles. Não obstante, a experiência tem mostrado que a amizade virtual oscila mais que a natural. Simplesmente pelo fato de a amizade virtual ter esse caráter da comunicação rápida, instantânea, descartável. Pois quem é que vai guardar na memória todas as informações que aprende no uso das novas tecnologias, especialmente do computador. Ninguém. Logo, quem vai confiar sinceramente naquelas pessoas que conheceu no mundo digital sem nunca ter convivido com elas pessoalmente? Em relacionamentos desse tipo temos apenas uma "confiança desconfiada". Sabemos que essa opinião não é compartilhada por todos porque existem pessoas que confiam tanto em relacionamentos assim que até casam-se. Contudo, sempre nos apoiamos na experiência. Ela é a melhor forma de prova. Por fim, notamos a cada dia que o mundo digital não é tão confiável.

Em suma, ainda falta a convivência pessoal. Só a convivência virtual não tornará os laços afetivos fortes o bastante para a partilha da própria vida. Todos são de acordo que é depois de muito tempo que os amigos verdadeiros se formam. É como o vinho que quanto mais velho melhor e mais saboroso fica, assim também acontece com a amizade: o tempo a torna mais madura e o relacionamento mais confiável. Apesar dos muitos benefícios da amizade digital não podemos negar que ela não é tão confiável.

⁴ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p. 175.

3.4. Perigo da amizade digital

Percebemos que existe perigo neste tipo de amizade, a saber: ser vítima da maldade humana. Além do perigo tão comum de ser enganada ou até ser usada, a pessoa pode ser “presa” de pessoas mal intencionadas.

Cresce a cada dia o número de pessoas que foram vítimas de malandros e bandidos. Por meio de uma simples amizade digital, troca de informações, pessoas foram roubadas e o que é pior, seqüestradas. Difícil de entender, mas a verdade desse fato está diante de nós. Está nas páginas de jornal e é noticiada em televisão e internet. Queremos com a nossa reflexão ajudar várias pessoas a tomarem bastante cuidado com este tipo de amizade e não confiarem rapidamente em pessoas que possam conhecer por meio da internet. Repetimos insistentemente que não é tão seguro relacionamento vivido no mundo virtual. Requer-se tempo e experiência para se confiar nas pessoas do outro lado do computador que muitas vezes nem tivemos contato próximo nem convivemos pessoalmente. Devemos abrir nossos olhos e vivermos em profunda prudência.

3.5. Novas formas de relacionamento

Em resumo, notamos que através das novas tecnologias, especialmente da internet, existem novas formas de relacionamento. As pessoas podem manter suas amizades pelo mundo virtual. Aliás, não só manter, mas conhecer novas pessoas em qualquer parte do mundo.

Assim sendo, os seres humanos envolvidos na globalização, tem outras maneiras de viver sua vida. Para muitas pessoas, escrever cartas é coisa do passado, o que importa agora é mandar e-mail. Outros não acham mais necessário álbum de fotografias, mas preferem ter suas fotos em seu computador. Outrem ainda não faz coleção de CDs preferidos, mas guarda tudo no pen drive que consegue armazenar um maior número de músicas.

Antigamente, quando os amigos se separavam e ficavam distantes, a amizade praticamente acabava devido à falta de comunicação. Hoje, com a vinda das novas tecnologias isso mudou, pois em qualquer parte do mundo se consegue falar e ver as pessoas via internet.

CAPÍTULO IV

RELAÇÃO ENTRE AMIZADE E ESPIRITUALIDADE

Em primeiro lugar, queremos explicar porque um assunto não muito comum na reflexão filosófica como a espiritualidade, vai ser tratado em nosso trabalho filosófico. Dois motivos podem ser elencados: primeiro por causa do próprio objeto de estudo da filosofia que é toda a realidade, o todo, a totalidade (cf. B. Mondin, 1980, p. 6). Os filósofos desde o início da reflexão filosófica estavam de acordo que a filosofia devia estudar todas as coisas com uma reflexão sistemática, profunda e ordenada. Assim, tudo pode ser objeto de análise filosófica, inclusive a amizade relacionada com a espiritualidade.

O segundo motivo constitui o fenômeno religioso tão acentuado em nossos tempos. Atualmente, a busca por experiências religiosas tem crescido bastante em todo o mundo, especialmente no Brasil. Ora, são milhões ou até bilhões de pessoas religiosas que vivem procurando novas companhias e vivendo relações de amizade de todo tipo. Portanto, cabe-nos analisar tudo isso por meio da filosofia, pois notamos que podemos dar uma explicação coerente sobre a problemática da relação entre amizade e espiritualidade.

4.1. A amizade cristã é diferente das outras

Todo cristão mesmo sendo religioso, continua sendo pessoa humana. É homem e mulher como todos os outros. Quando afirmamos que a amizade cristã é diferente das outras apenas queremos destacar que o modo de *pensar e amar* é diferente dos demais.

Podemos perceber isso pela própria terminologia empregada: "Filadélfia", isto é, os cristãos se converteram em amigos-irmãos (1 Pd 2, 22; 2,8; 2 Pd 1,7; Rm 12, 10). Isto quer dizer que nas outras amizades as pessoas só se consideram amigas. Nada mais do que isso. Já a amizade cristã vai além. O outro não é só considerado como amigo; é nosso irmão também, pois todos somos filhos do mesmo Pai do céu.

Além disso, a forma da capacidade de amar também é diferente. Assim se expressa um autor:

A amizade cristã é capacidade nova de amar os homens. O Espírito comunica a virtude infusa de amar, chamada graça caritativa. Por meio deste dom da caridade, o crente tem a possibilidade potencial de compartilhar do modo teândrico de amar, específico e próprio do Senhor, é chamado a amar e a estreitar amizades em Cristo, com Cristo e mediante Cristo¹.

Assim, um cristão verdadeiro vai procurar amar seus amigos como Jesus amou os seus. Agora, a medida do amor não é nossa. É a medida do amor que Jesus ensinou. A lei antiga ensinava que as pessoas deviam amar as outras como a si mesmas. Jesus propôs uma nova forma de amar: "Este é meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos ameí" (Jo 15, 12). De certa forma, Jesus convida a seus seguidores a amarem os outros com aquela "caridade perfeita" com a qual Ele amou. Aqui está o diferencial da amizade cristã: os cristãos com a graça de Cristo podem amar os outros com a *perfeição da caridade*.

Podemos perceber essa diferença entre a amizade cristã da demais comparando uma com a outra. Plutarco (apud Tullo Goffi, 1989, p.17.) ensinou:

A amizade se compraz na companhia, não na multidão; não se assemelha aos pássaros que voam em bandos, como os rouxinóis e as gralhas. Quando se divide um rio em diversos canais, sua torrente se torna mais fraca e limitada. Acontece o mesmo com a amizade: enfraquece-se à medida que se divide².

A amizade cristã tem uma perspectiva diferente. Para os cristãos, quanto mais dividimos o amor mais ele aumenta e fica forte, ao contrário do pensamento de Plutarco que não admitia que o amor "philia" se dividisse. Os cristãos sabem que o amor não é como o dinheiro que quanto mais se divide, mais ele acaba. Na caridade cristã é diferente. O Amor só cresce quando se divide para amar outros. Tullo Goffi explica isso:

¹ GOFFI, Tullo. Amizade. In: DE FIORES, Stefano. (Org.). *Dicionário de Espiritualidade*. p. 16.

² Id., *ibid.* p. 17.

A amizade cristã é chamada a ter a profundidade e a amplitude da amizade do Senhor, porque é experimentada e vivida por nós como continuação de sua amizade caritativa (...). A amizade cristã não é amizade como as outras; nem se distingue só pelo fato de ser mais extensa e mais intensa. Originalmente se remota de participação terrena na vida de amor divino; é realidade utópica, que começa por dom carismático; praticam-na unicamente os que têm intimidade com Deus, e ela se expressa à medida que Deus faz participar de sua vida. A amizade cristã é comunitária por vocação, porque provém de Deus que é pai de todos. Por isso, a amizade cristã tem essencialmente dimensão eclesial³.

Por conseguinte, a amizade cristã não é igual às demais pela forma de pensar, pois o outro é nosso amigo-irmão e pela forma de amar porque o cristão é chamado a amar com Jesus amou.

4.2. O cristianismo eliminou a *philia* grega?

Esta é uma questão bem complexa que exigirá de nós uma compreensão atenta. De início, devemos perceber como a amizade foi entendida e praticada na cultura grega e em seguida analisaremos como os cristãos da Igreja primitiva vivenciaram-na.

Os gregos tinham uma concepção bem elevada da amizade. Tanto que praticamente todos os pensadores importantes falaram alguma coisa a respeito da amizade ou até escreveram tratados sobre este tema. Entre eles se destacam: Pitágoras, Epicuro, Sócrates, Platão e Aristóteles. Contudo, ter um amigo equivaleria a ter um bem na vida. Além disso, gregos explicaram como o amor está dividido de três maneiras, a saber: Eros, *philia* e ágape (Antônio Moser, 2001: 202).

Com o surgimento do cristianismo e a conseqüente fusão da cultura grega e cristã, nasceram novos valores. N. Abbagnano observa este fato:

Com o predominar do cristianismo a importância da amizade como fenômeno humano primário decai na literatura filosófica. O conceito mais extenso e mais importante passa a ser o do amar, amor do próximo, que carece dos caracteres relativos e específicos que Aristóteles reconheceria na amizade⁴.

³ Id., *ibid.* p. 18.

⁴ ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970. p. 36.

Assim, chega-se a notar que o cristianismo a eliminou a noção e vivência da amizade da cultura grega entendida pelos cristãos como pagã. Mas não é verdade. Se olharmos profundamente o fenômeno perceberemos que aconteceu de fato uma verdadeira elevação da ética e do comportamento humano. Agora, se dá mais importância à noção de irmão do que de amigo. Porém, será isso realmente bom?

A vivência da fraternidade – amor fraterno – é melhor do que a amizade para o bem da sociedade, pois na amizade só daremos o nosso amor tão somente para o amigo e já com a fraternidade, ou seja, considerando os outros como irmãos o amor se estende a todos. Daí ser necessário afirmar que a vivência da fraternidade cria um mundo onde o amor vai ser mais distribuído. Os gregos por amarem somente seus amigos amavam poucos indivíduos, ao passo que os cristãos ao amarem a todos amam mais e as relações humanas são recheadas de amor fraterno. O bem do amor é mais difundido. Já que é próprio do amor desejar o bem dos outros, os cristãos por amarem a todos indistintamente espalham a bondade muito mais do que uma simples amizade. Podemos citar como exemplo o perdão. Durante a antiguidade, as pessoas diante de ofensas e sofrimentos injustos, retribuíam da mesma forma. As sociedades viviam o famoso código de Hamurábi: “Olho por olho e dente por dente”. Até a religião judaica – que era milenar -- vivia isso. Somente Cristo propôs o perdão como solução para a violência, para as ofensas sofridas.

Jesus Cristo ensinou:

Ouviste o que foi dito: Olho por olho e dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao homem mau; antes, àquele que te fere na face direita oferece-lhe também à esquerda e àquele que quer pleitear contigo, para tomar-lhe a túnica, deixa-lhe também o manto (...). Ouviste o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; desse modo vos tornareis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque ele faz nascer a seu sol igualmente sobre os maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos. (Mt 5, 38-40.43-45).

Somente o Cristianismo chegou a esse ponto e a viver esse ensinamento. Ninguém antes ou depois ensinou e praticou isso; essa é a novidade cristã. Logo, como o perdão é consequência do amor, o amor fraterno tem muito mais a beneficiar a sociedade do que o simples amor *philia* grego.

Os antigos pensadores gregos ensinavam a fazer o bem a todas as pessoas, especialmente aos amigos. Aristóteles recomendava: “É mais nobre fazer o bem aos

amigos do que aos estranhos”⁵. No cristianismo os valores mudam. Não se privilegia mais os amigos. O amor tem que ser dado a todos indistintamente, de preferência aos pobres.

Com este argumento não pretendemos rejeitar a noção do amor *philia*. O que queremos aqui é chegarmos à verdade do nosso problema: o cristianismo não eliminou a *philia* grega; pelo contrário, propôs uma nova forma de se viver o amor de uma maneira elevada e sublime.

Por fim, a amizade foi e sempre será um enorme bem. Tanto que já tratamos disso acima e trataremos depois ao longo de nossa reflexão. Entretanto, com o predominar do cristianismo as relações humanas são mais aperfeiçoadas com a vivência do amor fraterno.

4.3. Os amigos são impedimento à perfeição?

Bastante perceptível é o ensinamento da tradição cristã sobre como se chegar à perfeição. Ao longo dos séculos Padres da Igreja, monges, místicos e mestres do espírito apresentaram muitos caminhos para se chegar à União mística com Deus. Mas houve no passado pessoas que dentre tantos impedimentos para a perfeição citaram a amizade, a companhia dos amigos. Outros foram de opinião contrária. Nossa reflexão irá buscar luzes para tal problema.

De início devemos analisar o contexto histórico de tais afirmações e procurar a resolução deste problema. No início do cristianismo, o ideal de perfeição era a figura do mártir. Depois, passou-se a admirar os monges que se retiravam do mundo, de suas ocupações terrenas para viver no deserto. Eles chamavam isso de “*fuga mundi*”. A maior parte das afirmações de pessoas religiosas com visão negativa da amizade provém deste período histórico.

Na Idade Média, ainda permanece em grande parte esta mentalidade de deixar tudo para seguir a Deus. Logo, as criaturas – parentes e amigos – eram vistas como barreiras para se viver o desapego total de tudo em relação às coisas mundanas (cf. Kempis, 1928: p. 160). Podemos perceber isso num livro muito famoso no período medieval chamado *Imitação de Cristo*. Neste livro o autor assim ensina: “*Deseja ser familiar só com Deus e seus anjos; e foge de ser conhecido dos*

⁵ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. p. 209.

*homens. É necessário ter caridade com todos; mas não familiaridade*⁶. Mas na espiritualidade daquele tempo se desprezavam as amizades não por si mesmas, mas por causa do apego às pessoas. Aliás, se supervalorizava a amizade com Jesus. Este era considerado como o verdadeiro amigo. Assim Kempis afirmava:

O amor da criatura é enganoso e mutável, o amor de Jesus é fiel e constante; o que se abraça com Jesus estará firme para sempre. Ama e tem por amigo aquele que não te faltará quando todos te desampararem, nem te deixará perecer quando chegar o fim da vida. De todos hás de te separar um dia, queiras ou não queiras. Na vida ou na morte está sempre com Jesus; entrega-te à fidelidade deste Senhor, que só ele te pode socorrer, quando todos te faltarem. (...). A experiência te mostrará que toda a afeição que não puseres em Jesus, mas nos homens, é perdida⁷.

Logo, era sim o apego às pessoas no período medieval que era visto como impedimento ao crescimento espiritual. Deve-se isso também à supervalorização da amizade com Jesus. Esta devia estar em primeiro lugar.

Contudo, tanto no período moderno quanto no contemporâneo, a amizade não foi mais vista de forma tão negativa, mas sim como auxílio ao progresso espiritual à condição de ser uma amizade virtuosa. Por isso no início do séc. XVII vemos São Francisco de Sales e Santa Francisca Chantal terem uma profunda amizade.

Por fim, não pretendemos fazer uma análise histórica rigorosa sobre a amizade na compreensão cristã ao longo dos séculos. O que queríamos deixar evidente é o fato deles considerarem a amizade como algo bastante perigoso para o encontro com Deus: o *apego excessivo às pessoas*, sejam elas familiares ou amigos atrapalharia a união com o Senhor. Os cristãos sabendo que numa amizade é mais fácil se apegar do que ser profundamente desapegado preferiam renunciá-la para um bem maior que era o progresso na espiritualidade.

4.4. Más companhias prejudicam o crescimento espiritual

Nossa reflexão se dirige agora para as companhias que temos na vida. Será que todas nos ajudam, nos edificam? Responderemos a esta pergunta procurando a solução na experiência do dia-a-dia e nas fontes de espiritualidade.

⁶ KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. 22 ed. [S.l.]: Editora Ave Maria, 1928. p. 43.

⁷ KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. p. 152-153.

Em primeiro lugar, todas as pessoas sabem que más companhias só prejudicam. Elas nos levam para maus caminhos e nos propõem coisas que por nós mesmos não faríamos. É uma experiência tão fácil de notar que mesmo aquelas pessoas que não tiveram más companhias sabem disso só por observá-las nos outros. Pessoas cheias de vícios e maus hábitos ao nosso redor só podem nos oferecer isso: vícios e maus hábitos. Ninguém pode dar aquilo que não tem. Os escolásticos ensinavam que o agir segue o ser. Logo, é muito fácil compreender que más companhias prejudicam o nosso crescimento como pessoas, porém, não só os relacionamentos como também o nosso crescimento psíquico fica influenciado por tais companhias.

Podemos notar isso mais claramente nas fontes de espiritualidade. Mas porque as más companhias atrapalham o crescimento espiritual se é fácil para quem se dedica à espiritualidade aprender coisas boas de situações ruins? As companhias más dificultam o progresso espiritual por propor hábitos contrários à espiritualidade, a saber: vícios, enquanto a pessoa espiritual procura praticar virtude. São dois contrários que não podem permanecer juntos num só indivíduo. Depois, nem todas as pessoas que se dedicam à espiritualidade conseguem transformar situações ruins em aprendizado. São poucos. Narciso Irala recomenda:

Devemos evitar pessoas, objetos, leituras, conversas e espetáculos que tragam associações de imagens ou tendências menos puras. Querer a castidade com esses incitamentos é pretender caminhar sem cair por terrenos inclinados e escorregadios. É preciso evitar que se suscitem tais incitamentos por objetos proibidos⁸.

Assim, segundo este autor, quem quiser viver a virtude da castidade deve se afastar de pessoas que as levem a impurezas e pornografia. Este ensinamento está presente nos muitos tratados de espiritualidade cristã de todos os tempos⁹ e nos ensinamentos de grandes mestres do espírito.

⁸ IRALA, Narciso. *Controle cerebral e emocional*. 30 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997. p. 182.

⁹ MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da igreja*. 5 ed. Belo Horizonte: Editora O lutador, 1997. p. 165.

CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, nosso objetivo era expor sinteticamente todas as temáticas apresentadas ao longo de nosso trabalho. Em todos os problemas tentamos resolver e propor uma solução. Não queremos aqui fechar a questão e considerar nossa argumentação como sendo a solução principal, mas será uma referência a mais a partir de agora ao assunto tão amado, discutido e especialmente vivido como a amizade.

No primeiro capítulo concluímos que não podemos chamar de amigos pessoas que não conhecemos e somente aquelas que são de fato em nossa vida. Depois definimos e provamos que a amizade é uma virtude por se tratar de um bom hábito. A seguir destacamos e explicamos paulatinamente que a amizade tem dois vícios, tais como a adulação e o litígio. Afirmamos que ela não é dom divino, nem nos é dado pelo acaso, mas é conquistada, adquirida por nós. Constatamos que o inimigo além de ser uma questão meramente objetiva também é algumas vezes uma questão subjetiva, isto é, imaginação do sujeito. Percebemos que a visão negativa da amizade é devido geralmente a uma experiência negativa, frustrante de amizade. Por fim, defendemos a idéia de que é melhor ser amigo das pessoas do que simplesmente ter amigo.

No segundo capítulo começamos a concluir nossa reflexão explicando a diferença entre amizade condicionada e amizade escolhida e por meio desta última se tem uma amizade mais duradoura. Outra consideração foi a distinção entre educação e amizade. A seguir, provamos que o falso amigo é pior que o nosso inimigo. Depois, notamos que a amizade é muito mais do que está perto de nós, mas relacionar-nos conosco no dia-a-dia de nossa existência. Além disso,

defendemos a opinião de que a amizade deve ter limites na sua manifestação. Portanto, mostramos os benefícios da amizade na vida da pessoa humana.

No terceiro capítulo tratamos inicialmente do contexto da amizade digital. Depois, mostramos o quando ela é artificial. A seguir, destacamos os proveitos de tal amizade na vida das pessoas que a praticam. Constatamos que a amizade virtual não é tão confiável como as pessoas imaginam. Além do mais, explicamos os perigos de ser confiar plenamente em amizade deste tipo. E finalizamos nossa argumentação percebendo que o fenômeno da amizade virtual tornou-se uma nova forma de ser relacionar na atualidade, de tal forma que ninguém não utilize algum meio tecnológico para se comunicar com seu amigo. Ninguém.

No quarto e último capítulo refletimos sobre a relação entre amizade e espiritualidade e iniciamos justificando o porquê da escolha de tal tema na nossa explicação filosófica. Em seguida, afirmamos a diferença pouco sutil entre a amizade cristã e amizade normal entre as pessoas. Depois, respondemos que o cristianismo não eliminou a *philia* grega, mas propôs algo mais sublime para os relacionamentos entre os seres humanos. Demais, defendemos a idéia de que a amizade não é impedimento em si para a perfeição, pelo contrário, de certo modo até ajuda a chegar mais perto dela. Por fim, explicamos que as más companhias são de fato um enorme prejuízo não só a nossa vida espiritual, mas também aos nossos bons hábitos adquiridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

ALBISETTI, Valerio. *Ser amigos ou ter amigos: uma forma de conhecer a si mesmo e aos outros*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. *Amizade*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. 2ª ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Bríndes: 1980. Vol. VI.

Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

ARTIGAS, Mariano. *Filosofia da natureza*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.

BENTO XVI. *Deus caritas est*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo, Loyola, 2000.

COLEÇÃO PENSAMENTOS E TEXTOS DE SABEDORIA. *A essência da amizade: a essência da sabedoria dos grandes gênios de todos os tempos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

DE FIORES, Stefano et al. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.

EXUPÉRY, Antoine de Saint. *O pequeno príncipe*. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

GRÜN, ANSELM. *Eu lhe desejo um amigo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

IRALA, Nasciso. *Controle cerebral e emocional*. 30 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. 22 ed. [S.l.]: Editora Ave Maria, 1928.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à história da igreja*. 5 ed. Belo Horizonte: Editora O lutador, 1997.

MAURUS J. *Como fazer amigos*. São Paulo: Paulinas, 1988.

MONDIN. Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. 15. ed. São Paulo: Paulus, 1981.

OLIVEIRA, José Fernandes. *A amizade talvez seja isto*. São Paulo: Paulus, 1988.

TEÓLIFO. Teresina: Halley, 1997- 2001. Bimestral. Ano 05.